

# REPRESENTAÇÕES DO DISCURSO ECOLÓGICO DO/SOBRE O BRASIL EM MANCHETES NORTE-AMERICANAS: ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS POLÍTICAS AMBIENTAIS NO GOVERNO DILMA ROUSSEFF

Aleffe Silva Araújo<sup>1</sup>  
Adelino Pereira dos Santos<sup>2</sup>

Resumo: Tomando como base os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Crítica, neste artigo analisamos manchetes de notícias publicadas por agências de notícias, jornais e revistas de grande repercussão internacional, na imprensa dos Estados Unidos, sobre questões ambientais do Brasil no período compreendido entre 2010 e 2016, durante a gestão da presidente Dilma Rousseff. O trabalho de pesquisa teve como objetivo identificar os elementos lexicais, organização sintática e figuras de linguagem que constituem representações do discurso ecológico e que, conseqüentemente, repercutem as ações dos atores sociais envolvidos, em suas práticas político-discursivas. A análise nos permitiu perceber que no governo Dilma o Brasil continuou nas manchetes internacionais, mesmo que as notícias não fossem mais tão favoráveis à boa imagem do Brasil como potência ecológica e ambiental.

Palavras-chave: Análise do Discurso Crítica. Discurso ecológico. Manchetes de notícias.

REPRESENTATIONS OF THE ECOLOGICAL DISCOURSE OF/ABOUT BRAZIL IN AMERICAN  
HEADLINES: CRITICAL ANALYSIS ON ENVIRONMENTAL POLICIES IN DILMA ROUSSEFF'S  
GOVERNMENT

Abstract: Based on the theoretical and methodological assumptions of Critical Discourse Analysis, in this article we analyze news headlines published by news agencies, newspapers and magazines of great international repercussion, in the United States press, on environmental issues in Brazil in the period between 2010 and 2016, during the administration of President Dilma Rousseff. The research work aimed to identify the lexical elements, syntactic organization and figures of speech that constitute representations of ecological discourse and that, consequently, have repercussions on the actions of the social actors involved, in their political-discursive practices. The analysis allowed us to perceive

1 Graduado em Letras: Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: aleffe.araujo@oulook.com

2 2 Doutor em Letras. Professor Titular-Pleno do Departamento de Ciências Humanas do Campus V da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: adesantos@uneb.br

that in the Dilma government, Brazil continued to be in the international headlines, even if the news were no longer so favorable to the good image of Brazil as an ecological and environmental power.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Ecological discourse. News headlines.

## 1 Introdução

O trabalho de pesquisa que apresentamos aqui surgiu como uma das ações do projeto Gêneros textuais e práticas discursivas para a sala de aula, atividade complementar docente de dedicação exclusiva à Universidade do Estado da Bahia. O texto teve origem no trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras: Língua Inglesa e Literaturas de um dos autores deste artigo. O trabalho é parte de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como tema representações sobre o discurso ecológico do/sobre o Brasil em manchetes de agências de notícias, jornais e revistas de grande repercussão internacional, publicadas nos Estados Unidos no período 2003 a 2024. O recorte deste trabalho foca entre 2010 e 2016, desde a posse do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, até meados de seu segundo governo, quando foi destituída pelo impeachment.

A partir de um dispositivo teórico heterogêneo, baseamo-nos nos pressupostos da Análise do Discurso Crítica para a leitura das manchetes, tendo como objetivo identificar os elementos lexicais, organização sintática e figuras de linguagem que constituem representações do discurso ecológico e que, conseqüentemente, repercutem as ações dos atores sociais envolvidos, em suas práticas político-discursivas. Em termos metodológicos, para a seleção das manchetes, utilizamo-nos do mecanismo de busca da plataforma Google, por meio da seguinte fórmula: site: websitename.com [topic/keywords]. Com essa fórmula de busca, exploramos notícias, reportagens e artigos de

opinião que abordassem questões ecológicas em relação ao Brasil e, por conseguinte, as representações do discurso ecológico do/sobre o Brasil na mídia estadunidense, especialmente concernente à Amazônia.

As manchetes foram analisadas de maneira qualitativa, conforme prevê o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica, em seu modelo proposto por Norman Fairclough, sua Teoria Social do Discurso, seu modelo tridimensional e suas posteriores remodelações. O modelo tridimensional de Fairclough analisa a dimensão textual, a prática discursiva e a prática social. Fairclough (2016), ao analisar a prática textual, leva em conta o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Ao analisar a prática discursiva, considera a produção, distribuição e consumo do texto. Para completar a terceira dimensão da análise, a prática social preocupa-se com as condições sociais e seus aspectos conjunturais, perpassando noções como ideologia e hegemonia, que possibilitam a prática discursiva. Contudo, nem todas as categorias sugeridas para análise em cada dimensão são utilizadas em nosso trabalho, apenas as que são úteis para os propósitos desta pesquisa.

A Análise do Discurso Crítica é um campo inerentemente multidisciplinar. O modelo tridimensional de Fairclough foi remodelado por ele, com a colaboração de Chouliaraki, em 1999, para amalgamar ainda mais a Análise do Discurso Crítica com a multidisciplinaridade. Seguindo o modelo tridimensional para a análise das manchetes de notícias e reportagens, na prática textual, consideramos o léxico empregado, as construções gramaticais e a estrutura em que o

texto se apresenta. Na prática discursiva e social, as considerações sobre os veículos de mídia que produzem e distribuem essas notícias, as conjunturas sociais e políticas que engendraram as produções discursivas apresentadas por esses veículos de comunicação, como tudo isso impacta na imagem internacional do Brasil e como o público, em sua maioria, recepciona e consome o conteúdo, além da influência exercida por esse conteúdo na visão das pessoas em relação às representações do Brasil quanto às questões ecológicas e/ou ambientais.

## 2 O papel da mídia na modernidade tardia ou a importância da reflexão sobre as manchetes de notícias

Com o fim do bloco soviético, o capitalismo não tinha mais um adversário ideológico de peso para o contrapor, ocasionando sua expansão de forma quase irrestrita. A globalização se intensificou e o mundo estava, cada vez mais, interconectado. O tempo e o espaço, que já estavam em dissincronia na modernidade, se dessincronizavam ainda mais. A modernidade tardia, entendida como “[...] uma radicalização [da] modernidade” (SANTOS; LOPES; DUTRA, 2020, p. 126), reestruturou o capitalismo, um sistema com uma capacidade de se reinventar após transformações e crises que o ameaçam. Essa reestruturação transforma as “[...] relações entre diferentes domínios ou campos da vida social – mais obviamente, entre o campo econômico e outros campos (incluindo os campos político, educacional e artístico), incluindo uma ‘colonização’ de outros campos pelo campo econômico” (FAIRCLOUGH, 2002, p. 163)

A “colonização” pelo campo econômico de diferentes setores se expressa<sup>3</sup> tam-

3 Tradução nossa de: “[...] relations between different domains or fields of social life – most obviously, between

bém por meio da linguagem em uso, o discurso, que engendra práticas sociais que se adequam, em grande parte, ao atual estágio do capitalismo porque “nesse contexto de modernidade tardia, a linguagem tornou-se a parte mais significativa da vida social, e a análise social é correspondentemente orientada como linguagem em grau substancial” (SANTOS; LOPES; DUTRA, 2020, p. 133). Nesse contexto, a reestruturação do capitalismo passa, além de uma “colonização” da linguagem, por uma constitutividade linguística. O capitalismo passa a ser dependente de tecnologias da informação e da comunicação, uma vez que passa a se desenvolver dentro de um contexto de economia do conhecimento, da informação e da tecnologia que se utiliza, frequentemente, da linguagem como meio para mover as engrenagens do sistema.

Para Fairclough (2002, p. 164), “[...] a reestruturação e reescala do capitalismo são conduzidas pelo conhecimento, são também conduzidas pelo discurso, pois conhecimentos são produzidos, circulados e consumidos como discursos [...]”. Por isso, a “tecnologização do discurso” é um recurso utilizado porque auxilia no desenvolvimento, de forma eficiente, dos discursos que devem ser produzidos, circulados e consumidos. Diante disso, “as semioses se tornam abertas aos processos de cálculos econômicos, manipulação e design [...]” (FAIRCLOUGH, 2002, p. 164). Esses discursos também podem ser resistidos, com auxílio ou não de tecnólogos do discurso, pois a globalização, ao mesmo tempo que se utiliza de discursos homogeneizantes, também engendra discursos dissidentes que são utilizados por atores que, se não possuem o poder de im-

the economic field and other fields (including the political, educational and artistic fields), including a ‘colonization’ of other fields by the economic field” (FAIRCLOUGH, 2002, p. 163). Todas as demais traduções dos textos referenciados em língua inglesa são, igualmente, de nossa autoria.

pedir a produção, podem intervir, questionando a circulação e o consumo. Uma “globalização de baixo” que “[...] vem da ação situada em lugares particulares, mas, através da dialética do lugar e espaço, esses lugares são ‘glocalizados’ de modo que os recursos para a ação situada são, cada vez menos, puramente locais e, cada vez mais, globais” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 121).

Tanto a globalização homogeneizante do capitalismo quanto a resistência são conduzidas pelo conhecimento e pela informação. Esses conhecimentos e informações, provenientes de diferentes discursos, engendram práticas sociais que produzirão novos discursos utilizados por diversos atores em suas diferentes posições nas disputas sociais. Uma das formas mais tradicionais de acessar diferentes discursos é por meio dos meios de comunicação de massa. A mídia de massa, em suas diversas formas, ainda permanece influente no debate público, principalmente em países em que o acesso à internet ainda não é tão difundido. Mesmo nos países com maior cobertura de internet, as “mídias tradicionais” também podem continuar atuando através de outros meios, transformando as suas práticas discursivas e sociais. Portanto, a mídia, seja ela impressa, televisiva, digital, entre outras formas, permanece fundamental na disseminação de discursos (hegemônicos ou não) no debate público na modernidade tardia.

O acesso aos discursos informativos (desinformativos e/ou manipulativos) são “mediados” de diferentes formas. A mediação “[...] está ligada à superação da distância na comunicação, comunicando com ‘outros distantes’” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 85). Esse conceito “[...] está associado ao ‘distanciamento espaço-tempo’, o ‘desprendimento de uma forma simbólica de seu contexto de produção’ e sua ‘reincorporação em novos contextos que podem estar localizados em diferentes tempos e lugares’” (THOMPSON,

1995, p. 21 apud FAIRCLOUGH, 2006, p. 85). Portanto, ao ser mediada, as informações chegam a diferentes lugares, encurtando as distâncias para o traslado do conhecimento ao dessincronizar o tempo e o espaço. Essa mediação também significa que a informação pode se realizar por diferentes meios. Os meios podem formatar de diferentes formas uma mesma informação. Se as informações forem reportadas no formato notícias, por exemplo, assumem formas específicas desse gênero textual (FAIRCLOUGH, 2006, p. 85).

Uma mediação de qualquer informação dificilmente será neutra porque envolve processos que perpassam decisões, inevitavelmente eivadas de subjetividade, mesmo diante de critérios objetivos. Na mídia de massa, por exemplo, “[...] quaisquer aspectos da vida social são representados [...] atravessando códigos semióticos particulares, convenções, normas e práticas da mídia específica, e suas formas e significados são transformados nessa particular forma de recontextualização” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 103). As mídias de massa tendem a ser controladas por governos e/ou conglomerados empresariais do ramo. Portanto, a mediação de informação sofrerá, por menores que sejam, essas influências. Seja por aspectos ideológicos e/ou mercadológicos, o mecanismo é o mesmo, pois, mais interessante que a suposta neutralidade, é fundamental a transparência nos critérios estabelecidos para mediação, edição, viés, financiamento, entre outros, de determinado meio de informação, seja de massa ou não.

Contundo, essa transparência nem sempre é evidente porque, apesar de diferentes meios de comunicação, até divergentes e/ou antagônicos entre si, cada vez mais, a indústria da comunicação está concentrada em poucos conglomerados midiáticos. Existem, claro, meios de comunicação independentes “[...] em muitos países, e eles têm

em muitos casos desempenhado um papel crucial em desafiar aspectos do globalismo, bem como orquestrando oposição à guerra (especialmente no caso do Iraque)” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 86). Porém, “[...] o papel independente da mídia como um “quarto poder” cumprindo um papel de serviço público [...] está sendo progressivamente minado à medida que as corporações transnacionais se tornam dominantes no campo da mídia internacionalmente” (Id. Ibidem). Os meios de comunicação, especialmente os tradicionais como o jornal, foram reestruturados para se manterem competitivos no mercado de informação e, também como uma forma de reduzir custos, muitas empresas jornalísticas reduziram suas redações e passaram a adquirir notícias de agências globais que produzem notícias para serem vendidas e, conseqüentemente, publicadas em diferentes jornais locais.

Essa realidade é evidente na seção de notícias internacionais de diversos jornais com diferentes linhas editoriais que, geralmente, são produzidas por agências de notícias como Associated Press (AP), Agence France-Presse (AFP) e Reuters, entre outras. Direta e/ou indiretamente, essas agências possuem relações com o poder de Estado dos Estados Unidos da América e com países da Europa Ocidental e, com isso, estabelecem agendas globais nas cadeias comunicativas que também servem aos seus interesses particulares, pois “a agenda mostra a influência das agências de notícias mais poderosas que estão amplamente situadas nos EUA e na Europa e dos meios de comunicação mais influentes (especialmente jornais e canais de televisão)” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 86). Essas agências de notícias produzem e transmitem (ou omitem) representações com significados particulares de eventos globais ao mundo por meio de diferentes notícias que são lidas e, conseqüentemente, formam a visão de muitas pessoas ao redor

do mundo. Essas pessoas terão acesso às informações mediadas por “[...] uma indústria global de comunicações que é fortemente entrelaçada com os interesses daqueles que são globalmente poderosos” (FAIRCLOUGH, 2006, p. 103).

Mesmo pessoas que não se informam pelos meios de comunicação tradicionais podem encontrar essas notícias pelas redes sociais, por exemplo, porque essas agências dominam a produção e distribuição de notícias em diferentes meios. A informação, por diferentes meios, no atual estágio do capitalismo é uma commodity valiosa, pois, além da possibilidade de produção de outras commodities, pode oferecer (ou não) às pessoas o acesso a diferentes representações particulares de discurso e, com isso, engendrar práticas sociais que podem levar a conformação, reformulação e/ou a subversão de práticas já consolidadas. Essas agências de notícias, embora apresentem-se como credíveis, podem reportar de forma tendenciosa ou omitir informações, atendendo aos interesses dos centros de poder em que estão estabelecidas.

Tanto que há países que controlam o fluxo de informação por questões de censura e/ou segurança nacional porque informações, sejam verdadeiras e/ou falsas, podem desestabilizar regimes de governo. Portanto, a informação (correta ou não), a desinformação e a má informação podem ser usadas como uma arma política porque as representações dos discursos são fundamentadas em informações, desinformações e/ou más informações. Ambos os discursos engendram práticas sociais que podem vir a ser disruptivas, a depender da aderência dessas representações discursivas, ou seja, a depender de se uma representação particular do discurso conseguirá abarcar as diversas outras representações e conseguir se consolidar como a que melhor representa a

maioria momentânea.<sup>4</sup>

Entretanto, é notório também que, crescentemente, os meios de mídia tradicionais têm perdido a influência de outrora, principalmente na modernidade tardia, em que há uma maior variedade de produtos, nesse caso, informativos, e o consumidor de informação possui maiores capacidades de escolha, mesmo que essas escolhas sejam condicionadas, conscientemente ou não, por outros fatores. Ao tratar a informação como um produto, o consumidor escolhe aquilo que melhor lhe apetece, em suas diversas afinidades eletivas, inclusive informações falsificadas. Essas informações falsificadas deformam a instrução de um indivíduo, que passam a fundamentar representações de discursos com base nas informações falsas, e distorcem a sua percepção de mundo. Uma informação falsificada não é uma leitura diferente e, conseqüentemente, uma representação discursiva diferenciada de um determinado evento, principalmente político, que possui diversas leituras e representações, mas uma informação que não se sustenta com a apuração sistemática dos dados com critérios social e cientificamente validados. Uma informação falsa (fake news) leva a uma opinião falsa (fake opinion) e, por conseguinte, uma falsa representação discursiva.

As informações falsificadas que se originam de equívocos, planejados e/ou não, desinformação, má informação, “recontextualização” enviesada, entre outras origens, também iludem muitas pessoas devido à utilização do gênero textual tradicional e padrão para a divulgação de notícias, uma vez que, muitas vezes, utilizam-se de recursos como o layout de jornais de reconhecida credibilidade para veicularem suas men-

sagens. A prática discursiva é utilizada de forma a legitimar o discurso falso e ter um efeito nas práticas sociais. Essas informações falsas, veiculadas por um gênero textual como a notícia, influenciam no debate público, levando diversas pessoas a embasarem suas práticas sociais através do consumo, consciente ou não, dessas informações falsificadas.

O papel dos meios de comunicação, generalizados aqui como “mídia”, na modernidade tardia, em suas práticas discursivas e sociais, está evidente. Diante disso, estreita-se a concepção de mídia para o escopo desta pesquisa que aborda o gênero textual notícia. Como mencionado acima, as notícias falsas se passam por verdadeiras e se espalham (também com auxílio de tecnólogos do discurso e programas de propagação em massa, gerando ademais engajamento espontâneo), muitas vezes, por causa de sua forma e não por causa de seu conteúdo. Assim, faz-se necessário refletir sobre a estrutura desse gênero textual, aqui considerando em sua parte mais saliente, a manchete, que, apesar dos diversos meios que pode se apresentar (impresso, digital, etc.), permanece relevante na transmissão de informações, debates, ideias hegemônicas e/ou alternativas para o grande público e/ou para um público restrito.

### 3 Representações do discurso ecológico da era Dilma nas manchetes em língua inglesa

Nas eleições gerais do Brasil de 2010, a indicada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) para concorrer à sucessão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no fim de seu segundo mandato, foi a ministra Dilma Rousseff. Dilma foi considerada, por alguns analistas políticos, tanto o apogeu quanto o declínio temporário do petismo. Em 2006, com o escândalo do “mensalão”, Lula costurou

<sup>4</sup> Essa noção, embora proveniente de uma dedução lógica, é veiculada no Brasil pelo jornalista e comentarista político Reinaldo Azevedo.

alianças com o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (hoje MDB) para se sustentar no governo. Essa aliança foi renovada, também para obter um maior tempo de televisão, em 2010, com a formação de chapa entre Dilma Rousseff e Michel Temer. Lula deixou o governo com 87% de aprovação e, com isso, conseguiu eleger sua sucessora, uma ministra que nunca teve cargo eletivo e que não tinha o mesmo apelo popular do Lula, sendo relativamente desconhecida do grande público. Entretanto, como principal oponente, José Serra também era um candidato que não possuía tanto apelo popular. A campanha de Dilma focou-se na manutenção do legado dos governos Lula e o marco de uma mulher, pela primeira vez, ser eleita para a presidência do país. É digno de nota a participação de Marina Silva nessas eleições que, mesmo terminando em terceiro lugar, conquistou milhares de votos e permaneceu, nacionalmente e internacionalmente, uma referência em relação às questões ecológicas e/ou ambientais.

Ao ser eleita, Dilma buscou manter a estabilidade herdada do governo Lula e consolidar políticas que foram instituídas por ele. Porém, da mesma forma que Lula, o governo buscava equilibrar diferentes interesses políticos, ainda mais com a presença do PMDB no governo, agora com a vice-presidência. Esse partido tem sido o fiel da balança para os diferentes governos desde a “redemocratização” no país, que, devido à fragmentação partidária, engendrou um regime político chamado de presidencialismo de coalizção, isto é, de alianças com partidos muitas vezes divergentes, a fim de garantir a governabilidade. Contudo, o governo Dilma enfrentou momentos bastantes delicados. A crise econômica internacional começou a impor, de forma mais perceptível, seus efeitos ao país, a queda do preço das commodities e uma gestão controversa e bastante questionada da economia de-

gringolou os planos de manutenção da estabilidade. Além disso, a falta de habilidade política, para os padrões vigentes da política no Brasil, da presidente Dilma, diferentemente de seu antecessor, complicou ainda mais as tentativas do governo de buscar estabilizar-se e implementar medidas para conter as adversidades e, por conseguinte, a crescente insatisfação popular.

Em 2013, o país assistiu a numerosas manifestações contestadoras do governo. A princípio, reivindicações detonadas pelo aumento de R\$ 0,20 centavos na passagem de ônibus, contudo, as pautas expandiram-se e tornaram-se difusas. O uso crescente das redes sociais no país e a consequente reprodução de imagens da repressão policial aos protestos nas redes sociais energizaram ainda mais as manifestações que se tornaram “incontroláveis”. Aliado a isso, uma crescente insatisfação popular com serviços públicos insuficientes e os gastos considerados excessivos com os eventos esportivos que seriam sediados no país como “Copa do Mundo 2014” e “Olímpiadas e Paralimpíadas 2016”. Inicialmente lideradas por grupos mais à esquerda, como o Movimento Passe Livre (MPL), que buscava a gratuidade das passagens de ônibus e outras pautas mais relacionadas a esse campo político, as manifestações foram direcionadas por grupos mais à direita, como o Movimento Brasil Livre (MBL), que viram nas manifestações uma chance oportuna de colocar a hegemonia petista à prova e, por conseguinte, fragilizá-la.

Historicamente, esses são eventos ainda recentes, com seus efeitos perceptíveis até hoje. Não nos cabe discutir as diversas leituras que diferentes atores sociais fazem das chamadas Jornadas de Junho, nem delinear suas minúcias. Esses protestos e manifestações são objeto de muitos estudos acadêmicos, mas ainda não há consenso e, provavelmente, não existirá tão cedo,

sobre os seus sentidos, efeitos e impactos. Entretanto, esses eventos marcaram a política nacional recente e muitos consideram como o nascimento de uma nova conjuntura política no país. A partir desse momento, o Brasil não seria o mesmo e a “tranquilidade” e “estabilidade”, que o país estava, com ressalvas, vivendo, seriam profundamente abaladas. O governo Dilma, conseqüentemente, não conseguiu aplacar completamente as reivindicações dos manifestantes e sua popularidade, que em certo momento superou a do seu antecessor, começou a cair e não retornou aos patamares anteriores.

Apesar disso, a presidente Dilma disputou um segundo mandato. Houve, inclusive, um movimento que buscava a volta do ex-presidente Lula, mas Dilma almejava a reeleição. O período eleitoral mostrou-se imprevisível porque a ocorrência de um acidente aéreo vitimou um candidato à presidência, Eduardo Campos. Sua então candidata à vice-presidente, Marina Silva, assumiu o posto e aproximou-se de chegar ao segundo turno contra Dilma Rousseff. Porém, em uma das eleições mais disputadas e apertadas da história do país, a presidente Dilma conseguiu se reeleger, mas já era notório que o seu governo não começaria com a mesma tranquilidade de sua primeira eleição, tendo o candidato derrotado, Aécio Neves, questionado inclusive a “legitimidade” da eleição da petista. Em consonância a isso, uma operação judicial, com métodos questionáveis, denominada “Lava Jato” desestabilizou de vez o sistema político porque investigou e levou à cadeia diversos nomes do meio político e empresarial de diferentes partidos, terminando por minar quaisquer chances de um retorno à “estabilidade”. Portanto, com todos esses fatores ao mesmo tempo, a governabilidade frágil do governo Dilma mostrava-se como um empecilho em si e vozes pedindo seu impeachment começavam a ser ouvidas

com mais força.

Apesar de um contexto, a princípio favorável, mas, posteriormente, adverso, o governo Dilma tentou manter nas relações internacionais, com algumas poucas modulações, a mesma política do presidente Lula. Priorização das relações “Sul-Sul”, multilateralismo, multipolaridade e a defesa do meio ambiente como pauta fundamental para representar um país que passava, cada vez mais, a ser incluído em discursos globais, principalmente em relação às questões climáticas. Contudo, seu governo já iniciou com uma das maiores controvérsias da gestão petista. O projeto de construção da usina de Belo Monte atraiu a atenção nacional e internacional para qual seria o seu encaminhamento, pois, apesar da defesa entusiasta do presidente Lula, o projeto ficaria a cargo de sua sucessora.

Em manchete (FIGURA 1) de notícia, escrita por Alexei Barrionuevo, do dia 05 de abril de 2011, portanto, no início do governo Dilma, o jornal The New York Times reporta “O Brasil rejeita o pedido do Comitê para parar a barragem”:

Na manchete, o sujeito “Brazil” age, porém, implicitamente, quem está agindo é o governo brasileiro, que está sob a gestão da presidente Dilma. A palavra “dam” é usada sem ser especificada. Provavelmente, é uma suposição que qualquer pessoa que acompanhe o noticiário e, por conseguinte, a repercussão do caso, já subentende que se trata da “Amazon Dam Project” presente em manchetes anteriores relacionadas ao Brasil no fim do governo Lula. O verbo transitivo no presente “rejects”, rejeita, indica que o país não está compactuando com alguma coisa. A manchete também traz o grupo de palavras “Panel’s Request”. O vocábulo “request”, que também pode ser um verbo, está funcionando, nessa manchete, sintaticamente, como substantivo. Esse substantivo está em relação de posse com o termo “Panel”.

A manchete também se utiliza do termo “Stop Dam”. Provavelmente, uma intertextualidade manifesta e constitutiva porque o “Stop Dam” é uma construção discursiva comum, que é utilizada em diversos protestos, para se opor a alguma coisa considerada indesejável por certos atores sociais. A utilização dessas construções escritas em inglês, mesmo em países que não possuem o inglês como língua materna, busca apelar ao público internacional porque, por meios de práticas sociais reivindicativas, engendra uma prática discursiva que circula em meios para além das fronteiras do país. Esse termo “Stop Dam” está presente no discurso de muitos atores sociais e está textualmente presente em cartazes de protestos e, diante disso, o jornalista pode ter, por meio da intertextualidade, construído discursivamente essa manchete. Esse termo “Stop Dam”, “Pare a Barragem” literalmente, mas com o sentido de “pare a construção da barragem”, pode engendrar essas interpretações, porém, somente a manchete não nos permite afirmar categoricamente.

Portanto, o sujeito, no caso, o país, “Brazil”, sob a gestão de Dilma, rejeita “rejects” a solicitação “request” para parar a construção da barragem “stop dam”. O autor da mensagem oculta o nome da presidente, no caso, Dilma Rousseff. Isso decorre em razão de dois fatores possíveis. Primeiro, a presidente Dilma não é tão conhecida internacionalmente ainda e, diante disso, é mais interessante colocar somente o nome do país “Brazil”. Segundo, o fato de que a manchete quer evidenciar que não é algo de um governo somente, no caso, a gestão Lula, mas um projeto que está sendo encampado pela sucessora e, conseqüentemente, é um projeto do país como um todo. Uma outra construção de manchete poderia colocar “Brazil’s Dilma” ou “Brazil’s Rousseff”, por exemplo.

É interessante notar também que o termo “Dam” parece já assumir um papel de

ator social ao longo do tempo e de sua recorrência nas manchetes. Os atores sociais dessa manchete são o país, “Brazil”, “Panel’s Request” e “Dam”. “Brazil” e “Dam” são mais explícitos, contudo, “Panel’s Request” deixa implícito uma percepção de organizações sociais e/ou institucionais que buscam apresentar contra-argumentos aos já realizados pelo país, “Brazil”, em defesa do projeto. Esses contra-argumentos, entretanto, foram rejeitados “rejects”. Essa rejeição pode ser motivada tanto por uma questão política quanto por questões meramente técnicas, embora elas se conectem, mas a manchete não deixa isso explícito. O país, portanto, em relação à “Dam”, assume uma representação de um “Brazil” decidido a seguir em frente, apesar das críticas, com o projeto.

Essas observações se confirmam com a seguinte manchete (FIGURA 2) menos de um mês após a notícia anterior. A notícia do dia 01 de junho de 2011, escrita por Alexei Barrionuevo, no jornal The New York Times, reporta “O Brasil, depois de uma longa batalha, aprova uma barragem na Amazônia”:

Essa manchete utiliza-se de uma locução adverbial explicativa após o sujeito “Brazil”, pois visa fornecer, nessa construção, mais informações a respeito do sujeito e do processo, no caso, o “país”. Sem essa locução adverbial, o sujeito, na manchete, realizaria a ação “approves”, aprova, sem muita explicação. A locução adverbial “after a long battle” adiciona ao sujeito alusão às dificuldades que surgiram até a realização da ação. Há o uso de uma metáfora em alusão à guerra, batalha “battle”. Ou seja, a disputa entre os diferentes atores sociais e, conseqüentemente, os seus diversos discursos de valorização assumiram os contornos metafóricos

5 BONIN, R. Popularidade de Lula bate recorde e chega a 87%, diz Ibope, G1, 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>.

Acesso em: 29 mai. 2022.

## FIGURA 3 – “In Brazil, Fears Of A Slide Back For Amazon Protection”

The New York Times | <https://www.nytimes.com/2011/04/06/world/americas/06brazil.html>

### ***Brazil Rejects Panel’s Request to Stop Dam***

By Alexei Barrionuevo

April 5, 2011

FONTE: THE NEW YORK TIMES

## FIGURA 2 – “Brazil, After A Long Battle, Approves An Amazon Dam”

The New York Times | <https://www.nytimes.com/2011/06/02/world/americas/02brazil.html>

### ***Brazil, After a Long Battle, Approves an Amazon Dam***

By Alexei Barrionuevo

June 1, 2011

FONTE: THE NEW YORK TIMES

## FIGURA 3 – “In Brazil, Fears Of A Slide Back For Amazon Protection”

The New York Times | <https://www.nytimes.com/2012/01/25/world/americas/in-brazil-protection-of-amazon-rainforest-takes-a-step-back.html>

### ***In Brazil, Fears of a Slide Back for Amazon Protection***

By Alexei Barrionuevo

Jan. 24, 2012

FONTE: THE NEW YORK TIMES

de uma batalha. Entretanto, em uma batalha, geralmente, há vencedores e perdedores, quando não se chega a um impasse. No caso, o sujeito, após enfrentar os desafios de uma batalha metaforicamente real, social e discursiva, conseguiu realizar a ação que estava sendo protelada devido aos impasses da batalha.

Portanto, o país aprova, depois de, presumivelmente, vencer a batalha, “an Amazon dam”. Novamente, “Amazon dam” aparece como um ator, porém o artigo indefinido “an” abre margem na manchete para se questionar qual seria essa “Amazon dam” e indica que há muitas nessa região. Entretanto, devido à temporalidade, provavelmente, está se referindo a controversa barragem de Belo Monte. Novamente, “Amazon dam”, juntamente com “Brazil”, o país, são evidenciados como atores sociais nessa manchete. Mesmo “Amazon dam” sendo um empreendimento projetado pelo país para “garantir a segurança energética”, acaba, devido à repercussão crítica, ganhando um “status” de ente autônomo. Estão imbuídos nessas generalizações dos atores sociais que o “Brazil” representa o governo sob gestão de Dilma e os demais departamentos do país favoráveis ao projeto e “Amazon dam” inclui os contrários, especialmente, devido a uma construção prévia, ideológica e/ou não, de “Amazon” e quem são os seus habitantes e/ou defensores.

A metáfora de batalha utilizada também evidencia que há possíveis desdobramentos que afetam as pessoas das mesmas formas que as batalhas. Os deslocamentos forçados e a destruição dos modos prévios de vida são alguns dos exemplos que podem ser incluídos nessa analogia da batalha. A construção dessa “Amazon dam”, certamente, terá efeitos similares para muitas pessoas, especialmente os que estão diretamente envolvidos no território escolhido para a realização desse empreendimento. Entre-

tanto, a locução adverbial explicativa “after a long battle” também evidencia o país enquanto aberto às disputas de diferentes atores sociais e, portanto, não sendo um país restritivo nas possibilidades de questionar o poder instituído. Essa é uma representação positiva, porém, contrasta, com a sobreposição do “Brazil”, vitorioso nessa “batalha” e, conseqüentemente, o discurso de valoração econômico em contraposição ao discurso de valoração humano que é encampado pela “Amazon”, no caso, os que lá vivem e defendem seu território e seus modos de vida.

Além da “Amazon dam”, o governo Dilma passou por outras polêmicas nas questões ambientais com repercussão internacional. Essa polêmica foi a respeito do código florestal. Sem mencioná-lo diretamente em sua manchete (FIGURA 3), o jornalista Alexei Barrionuevo, no dia 24 de janeiro de 2012, no The New York Times, reporta “No Brasil, temores de retrocesso na proteção da Amazônia”:

Essa manchete promove um deslocamento do advérbio de lugar, “In Brazil”, em destaque logo no início para indicar e evidenciar a localidade da situação que está sendo tratada. Por razões já evidenciadas anteriormente, há a necessidade de focar o país. Após enfatizar a localidade, utilizar-se de um substantivo “fears”, temores, que indica um receio que algo ou alguém perigoso, ameaçador e ruim pode acontecer ou fazer acontecer alguma coisa. Com a preposição “of”, indica-se que o temor é “a slide back for Amazon Protection”, ou seja, um retrocesso na proteção Amazônica. Portanto, somente com a manchete, o leitor identifica em que parte se evidencia o que se trata e qual é o temor. Novamente, o país, “Brazil”, juntamente com o termo “Amazon Protection”, estabelece uma associação, que é recorrente na arena internacional, quando envolve o país e as questões ambientais, especialmente em relação à Amazônia.

Os termos “Brazil” e “Amazon protection” aparecem juntos, frequentemente, devido à maior parte da “Amazon” estar no Brasil, mas a “Amazon” perpassa outros países vizinhos como Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Venezuela, Suriname e Guiana Francesa (administrada pela França). A tradição militar brasileira considera a “Amazon” estratégica (e realmente é!) para o país. Por isso, não é incomum a existência de pensamentos, diálogos e preocupações, que são legítimas e devem ser levadas em consideração, a respeito dos reais interesses internacionais concernentes à Amazônia. Contudo, em alguns setores sociais, essas preocupações, em alguns casos, beiram ao conspiracionismo. Há fundamentos para a preocupação porque, como já demonstrado, a questão ecológica e/ou ambiental é fundamental para o futuro do planeta. Todavia, persiste, entre diferentes atores sociais e administrações do país, uma reafirmação da soberania (corretamente), muitas vezes de forma pouco amigável, como comprovam muitas das manchetes por nós analisadas.

Contudo, o substantivo “fears” enquadra uma representação temerária entre “Brazil” e “Amazon Protection”. Mesmo que não se diga, explicitamente, quem se teme, está subentendido, implicitamente, que são os ambientalistas, ativistas e/ou grupos que estão envolvidos com essas questões no país. O termo “slide back” indica o retorno de uma situação em progresso para um regresso com conotações negativas, como é o caso dessa manchete. A expressão “slide back”, ou seja, um retorno a um estado pior de uma coisa que estava melhorando como, no caso, “Amazon protection”, certamente não é desejável e, por isso, há temores. A importância da proteção da Amazônia, “Amazon Protection”, já se tornou uma pressuposição do senso comum. Devido a isso, quaisquer alterações e/ou reversões dos estágios anteriores, tornando-os piores, investirá de

temor os que estão na luta pela “Amazon Protection” e dos que se valem de sua publicidade porque “hoje há um consenso de que, de um ponto de vista econômico, social e ambiental, é aconselhável manter a cobertura florestal na Amazônia” (ALIER, 2018, p. 176). Entretanto, da mesma forma que a manchete não deixa explícito quem teme, não há na manchete os outros atores sociais que colocam e/ou promovem um “slide back” da “Amazon protection”.

Essa manchete poderia ser “Brazil Fears of a Slide Back for Amazon protection”, todavia, dessa forma, seria o “Brazil” que temeria e, portanto, não seria um ator social oculto, mas sim, o país. Porém, dessa forma, daria a entender que o país enquanto governo e instituições temiam e, de alguma forma, estavam “reféns”, contudo, não é o que ocorre, pois o próprio país, institucionalmente, possui conflitos e o governo Dilma, assim como o governo Lula, tinha que conciliar interesses antagônicos e, por isso, muitas vezes, a representação do país oscilava entre avanços e retrocessos, além de ambos defenderem, apesar das resistências internas e externas, a implementação desse projeto em Belo Monte. Esse assunto continuou a gerar notícias na mídia internacional, como demonstra essa manchete (FIGURA 4) do dia 16 de maio de 2012, escrita pelo jornalista Simon Romero, no The New York Times, “A Líder do Brasil encara uma decisão definidora sobre o projeto de lei que flexibiliza a proteção das florestas”:<sup>6</sup>

A frase dessa manchete possui como sujeito “Brazil’s Leader”, construção já utilizada em outras manchetes para se referir ao governante de plantão do país, nesse período, referindo-se à presidente Dilma Rous-

6 STUCKERT FILHO, R. Brasil: popularidade de Dilma supera a de Lula após um ano de mandato. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/brasil-popularidade-de-dilma-supera-a-de-lula-apos-um-ano-de-mandato/>.

Acesso em: 29 mai. 2022.

FIGURA 4 – “Brazil’s Leader Faces Defining Decision On Bill Relaxing Protection Of Forests”

The New York Times | <https://www.nytimes.com/2012/05/17/world/americas/brazils-president-dilma-rousseff-faces-defining-decision-over-forest-bill.html>

## ***Brazil’s Leader Faces Defining Decision on Bill Relaxing Protection of Forests***

By Simon Romero

May 16, 2012

FI

FONTE: THE NEW YORK TIMES

FIGURA 5 – “Brazil’s Rousseff Creates New Nature Reserves”



WORLD · Published June 5, 2012 · Last Update November 20, 2014

## **Brazil's Rousseff creates new nature reserves**

Associated Press

FONTE: FOX NEWS

FIGURA 6 – “Global Climate Pact Gains Momentum As China, U.S. And Brazil Detail Plans”

The New York Times | <https://www.nytimes.com/2015/07/01/world/americas/us-and-brazil-agree-on-climate-change-actions.html>

## ***Global Climate Pact Gains Momentum as China, U.S. and Brazil Detail Plans***

By Coral Davenport

June 30, 2015

FONTE: THE NEW YORK TIMES

seff. Outros termos conhecidos que ativam o conhecimento prévio (background knowledge) do leitor são “protection” e “forests” que, associados à “Brazil’s Leader”, remete à “Amazon”, principalmente para o grande público internacional, mesmo que não seja explicitamente mencionado nem seja só a “Amazon” afetada. Diante disso, o sujeito encara, “faces”, nesse caso um verbo transitivo, uma “defining decision”. Portanto, “Brazil’s Leader” tem diante de si uma decisão que será definidora dos rumos que o país gerido por ela irá tomar em relação às questões protetivas das florestas.

Contudo, a própria manchete também já informa o caráter dessa decisão definidora porque aborda, pelo menos na visão do autor da matéria, no que concerne à lei, “bill”. É uma lei que relaxa, “relaxing”, afrouxa a legislação vigente no concernente à “protection of forests”. Está implícito que há uma preocupação do autor da matéria e também de outros atores, aliás, vale lembrar os temores que atores sociais possuíam na manchete anterior, pois é uma decisão que definirá os rumos do país na questão da preservação e, por conseguinte, influenciará o mundo devido à importância do país na regulação do clima, por exemplo. Essa lei “definidora” é o “Novo Código Florestal”, que buscava reformar o antigo porque, de acordo com os defensores das mudanças, impedia o país de desenvolver todo o seu potencial produtivo devido ao excesso de regulações que nem todos poderiam implementar. Já para os contrários a essas mudanças, as alterações abririam a porta para um maior desmatamento e um desenvolvimento que relaxava ainda mais as regulações ambientais.

Ações inspiradas no conservacionismo também estiveram presentes no governo Dilma. Em matéria produzida pela agência de notícias Associated Press e presente no site da Fox News, um grupo de comunicação com viés conservador bastante popular

nos Estados Unidos, em 20 de novembro de 2014, portanto depois da reeleição da presidente, reporta “O Brasil de Dilma Rousseff cria novas reservas naturais”:

Essa manchete, com uma frase de construção sintática simples, apresenta como sujeito “Brazil’s Rousseff”, nomeando “Brazil’s Leader” pelo sobrenome. O verbo transitivo “creates” revela que o governo Dilma, portanto “Brazil’s Rousseff”, cria algo e, neste caso, são reservas naturais, “nature reserves”. “Reserves” está no plural, indicando mais de uma reserva criada. Entretanto, há o adjetivo “new” que deixa implícito que já há outras reservas naturais no país. “Nature reserves” funciona como uma ação concreta para “protection” e, com isso, o país está agindo para conservar a natureza e, consequentemente, preservar o meio ambiente. Portanto, a representação do país apresenta-se de forma positiva, especialmente para os defensores e ativistas do meio ambiente, principalmente os conservacionistas.

Essa manchete se originou no momento em que o país estava se preparando para receber a Rio+20, um evento que marcaria 20 anos da conferência Rio 92, e, por isso, precisava criar, especialmente para o público internacional, atento a essas questões do país, uma agenda e, por conseguinte, uma imagem positiva, pois, além do marco histórico, essa “[...] conferência pode ser vista como uma nova oportunidade para encontrar uma forma criativa de conciliar desenvolvimento econômico, responsabilidade social e conservação ambiental” (ALONSO; FAVARETO, 2012, p. 31)<sup>7</sup>. E, como já mencionado, as agências de notícias produzem e distribuem notícias para diversas partes do mundo. Então, circula uma imagem, por meio dessa manchete, de um país

<sup>7</sup> Tradução nossa de: “[...] conference can be seen as a new opportunity to find a creative way to conciliate economic development, social accountability, and environmental conservation”.

que, apesar dos percalços, evidentes em outras manchetes, está fazendo sua parte nessa questão e fazendo jus a sua dimensão nas discussões ambientais e, portanto, em condições de sediar um evento dessa natureza.

Para além de sediar eventos internacionais, a presidente Dilma também buscou manter e, conseqüentemente, integrar o país nas discussões globais, em diferentes pautas, especialmente nas questões ambientais, como mostra a manchete (FIGURA 6) da notícia escrita por Coral Davenport, no jornal *The New York Times*, no dia 30 de junho de 2015 “O pacto global do clima ganha força à medida que a China, os Estados Unidos e o Brasil detalham os planos”:

Nessa manchete há vários atores sociais envolvidos, além de pressuposições, entre outros detalhes. Os atores sociais “Brazil”, “China”, “U.S.” são considerados fundamentais para os objetivos de coibir a mudança climática porque há algumas pressuposições a respeito desses atores sociais. Por exemplo, sabe-se que o modelo de desenvolvimento dos Estados Unidos, “U.S.”, embora buscando estar cada vez mais “verde”, é danoso ao meio ambiente, seja ao seu próprio, seja ao dos países que são subsidiários dele. O mesmo ocorre com a China, que é um país em desenvolvimento e também contribuiu e contribui bastante para a intensificação de efeitos danosos ao meio ambiente, embora nos últimos tempos tenha buscado incluir em seus projetos uma diversificação, “esverdeamento” e despoluição do seu desenvolvimento.

Em relação ao “Brazil”, também um país em desenvolvimento, há a pressuposição de que, sem o país com as maiores reservas de biodiversidade do mundo, a maior parte da “Amazon”, entre outras “vantagens ecológicas”, seja difícil conseguir uma regulação do clima eficiente e uma discussão séria a respeito das temáticas ambientais. Portanto, os três atores sociais, “U.S.”, “China” e

“Brazil” apresentam pressuposições que são necessárias para entender a construção discursiva da manchete. Além disso, os três atores sociais juntos engendram um “momentum”, ou seja, uma ação que desencadeia uma série de ações com desdobramentos que buscam alcançar um objetivo. Esses três países juntos, aliado com as pressuposições, favorecem, como indicado por esse termo, um “momentum”.

O sujeito dessa frase é “Global Climate Pact”, que também pode ser considerado um ator social, porém, sem ser nomeado de forma a identificar quais atores compõem esse pacto, “pact”. Entretanto, o termo “global” indica que o pacto envolve todo mundo, ou seja, todos os países ou, pelo menos, os países que estão envolvidos e/ou preocupados com as questões climáticas, “climate”. Então, o sujeito “Global Climate Pact”, regido por um verbo transitivo, indica que o sujeito está sendo impulsionado, “gains momentum”, por ação de três importantes atores sociais. É interessante notar também que, nessa manchete, os atores sociais “China”, “U.S.” e “Brazil” executam efetivamente uma ação e são sujeitos. Eles agem ao detalhar, “detail”, um verbo transitivo direto, planos, “plans”. Ao detalhar seus planos, esses atores sociais estão contribuindo, de forma significativa, para o “Global Climate Pact” e, com isso, contribuindo para o pacto ganhar um impulso.

A relação entre esses atores sociais “Global Climate Pact” e “China”, “U.S.” e “Brazil” na frase da manchete acima é de subordinação porque, embora sejam atores sociais distintos, um está condicionado ao outro. Porém, o fato de três atores importantes nas questões climáticas detalharem seus planos impulsiona o “Global Climate Pact”, que abarca vários atores. Diante disso, tanto as pressuposições dos atores sociais quanto a organização sintática da manchete apresentam o “Brazil” como um país que está engaja-

do nas questões climáticas e, aliado a outros países também importantes, está contribuindo tanto na esfera local quanto global, buscando juntar esforços para o combate às degradações do meio ambiente.

O escopo desta pesquisa foca-se nas questões ecológicas e, por conseguinte, concernentes ao meio ambiente, Amazônia, mudança climática, preservação da natureza, entre outras coisas correlatas. Contudo, nesse período, o Brasil também estava nas manchetes internacionais por causa de outros acontecimentos como a crise política e econômica no país, as investigações envolvendo grandes nomes do ramo político e/ou empresarial, as manifestações que pediam a saída da presidente, entre outros eventos locais que ganharam destaques nas mídias globais. A representação do Brasil, antes um país que tinha achado seu caminho, estava agora sendo a de um país que estava degringolando. A crise política e econômica intensificou-se e as vozes distantes que ecoavam discursos que pediam o impeachment começaram a ficar mais fortes e serem ouvidas por mais e mais pessoas. A presidente Dilma Rousseff foi destituída do cargo, temporariamente, em 12 de abril de 2016 e, definitivamente, em 31 de agosto de 2016, o que levou à tomada de poder seu vice-presidente, Michel Temer, dando início a novo governo e possibilitando a publicação de novas manchetes.

#### 4 Considerações finais

Um dos pressupostos da modernidade tardia é a reflexividade das práticas discursivas e sociais que podem levar a mudanças, pois “na modernidade, a tradição é substituída pela reflexividade, que se torna a base da reprodução do sistema, numa relação de retroalimentação entre prática social e informações e descobertas” (SANTOS; LOPES; DUTRA, 2020, p. 129). Para Giddens (1991, p.

38), “[...] a reflexividade é uma característica definidora de toda ação humana”. Portanto, a reflexão sobre as práticas é fundamental para os indivíduos, atores sociais e/ou instituições, pois uma reavaliação das práticas discursivas e sociais é fundamental para enriquecer a própria prática.

O analista do discurso também deve realizar essa reflexão tanto do/no seu processo de análise quanto da/na sua análise. Essa reflexividade, própria das mudanças exacerbadas pela modernidade tardia, também se fez presente nas teorias de Análise do Discurso Crítica. Chouliaraki e Fairclough (1999) estabeleceram essa reflexão do processo e da análise como um dos itens do processo analítico. Portanto, uma análise se enriqueceria ao ter a reflexão de sua própria prática, pois, na modernidade tardia, a Análise do Discurso Crítica assume uma importância ainda mais relevante porque contribui para, em um mundo em constante mudança, desvelar os discursos e, conseqüentemente, contribuir com a reflexão a respeito das práticas discursivas e sociais, buscando uma transformação social.

Isto posto, o trabalho de pesquisa parcialmente descrito neste artigo endereça as representações do discurso ecológico na mídia estadunidense como um problema a ser analisado, pois a importância da questão ecológica para o Brasil é perceptível, tanto pelas suas dimensões quanto pela atenção que o país recebe internacionalmente. O período de recorte também é intencional porque o Brasil, a partir de 2003, estava buscando um protagonismo internacional e, em certa medida, conseguindo, tanto pelas políticas internas quanto pelas atuações na sua política externa. O país esteve em evidência e, conseqüentemente, a questão ambiental, que é um ativo importante do país, também esteve. No governo Dilma, o Brasil continuou nas manchetes internacionais, mesmo que as notícias não fossem mais tão favo-

ráveis. Mais recentemente, 2022, o caso de assassinato envolvendo o jornalista inglês Dom Phillips e o indigenista brasileiro Bruno Pereira voltou a colocar o Brasil em evidência nas manchetes das agências internacionais de notícia, lamentavelmente de forma desonrosa para o país, o que, entre outros fatos, reitera a importância de darmos continuidade a este trabalho de pesquisa e de promovermos autorreflexão sobre nossa ação como atores sociais igualmente engajados em uma prática discursiva.

#### Referências

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, F. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London and New York: Routledge, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Language in New Capitalism*. *Discourse & Society*, London, v. 13, n. 2, p. 163-166, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926502013002404>. Acesso em: 15 mai. 2022.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge, UK: Polity Press, 1992.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SANTOS, E. S.; LOPES, L. M.; DUTRA, Z. M. S. *Modernidade Tardia*. In: IRINEU, L. M.; PEREIRA, A. S.; SILVA, A. P. N.; SANTANA, A. L. S.; LIMA, F. H. R.; SANTOS, S. F. (Orgs.). *Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave*. Campinas: Pontes, 2020, p. 125-142.

Submissão: maio de 2023.

Aceite: agosto de 2023.